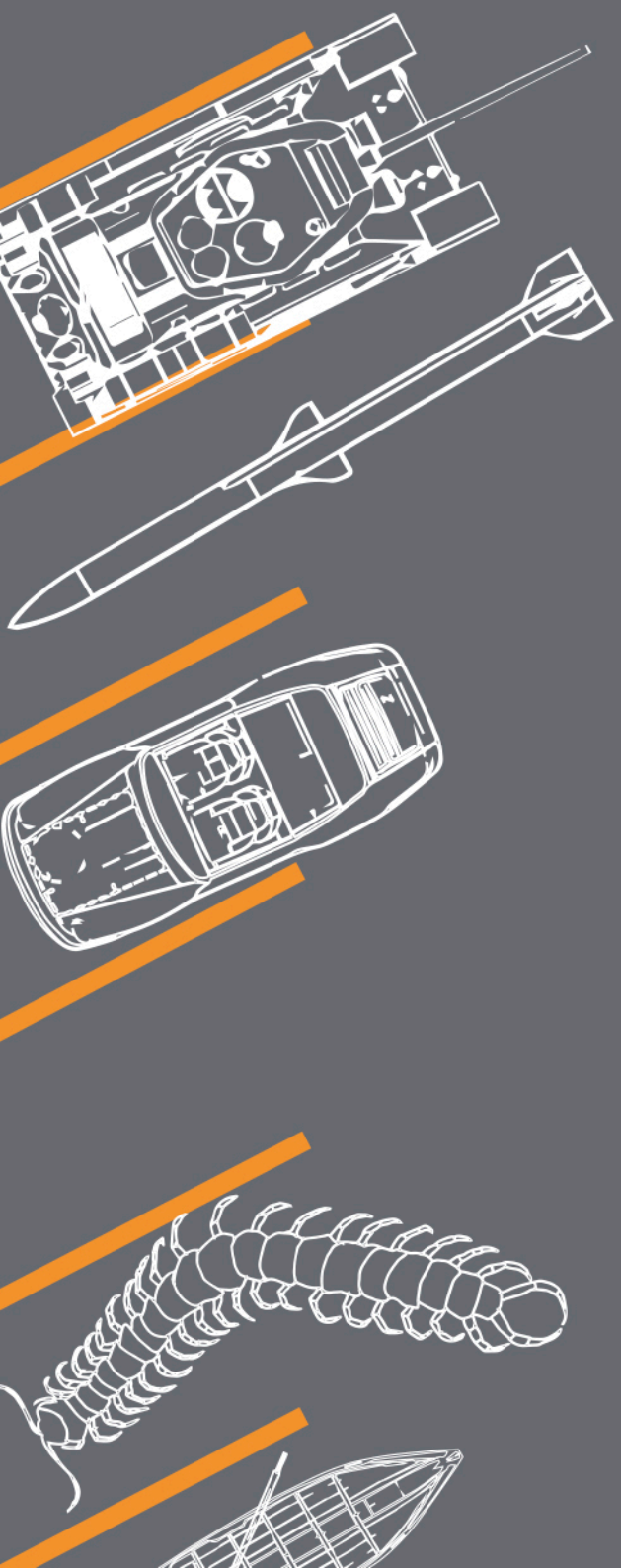


DIÁLOGO TRANSDISCIPLINARES: ARTE E PESQUISA





Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-Compartilhalgual 4.0 Internacional/ This work is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International License <<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>>.

Copyright © 2016 by Autores.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer meio de comunicação para uso comercial sem a permissão escrita dos proprietários dos direitos autorais. A publicação ou partes dela podem ser reproduzidas para propósito não-comercial na medida em que a origem da publicação, assim como seus autores, seja reconhecida.

Os textos são de responsabilidade dos autores.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

D536 Diálogos transdisciplinares: arte e pesquisa / Gilberto Prado, Monica Tavares, Priscila Arantes (organizadores) – São Paulo : ECA/USP, 2016. 500 p.

Textos apresentados no Seminário Internacional Diálogos Transdisciplinares: Arte e Pesquisa, realizado de 8 a 10 de junho de 2015, Paço das Artes, São Paulo, 2015.

ISBN 978-85-7205-155-2

1. Arte – Pesquisa 2. Criação artística I. Prado, Gilberto II. Tavares, Monica III. Arantes, Priscila IV. Seminário Internacional Diálogos Transdisciplinares: Arte e Pesquisa

CDD 21.ed. – 700.72

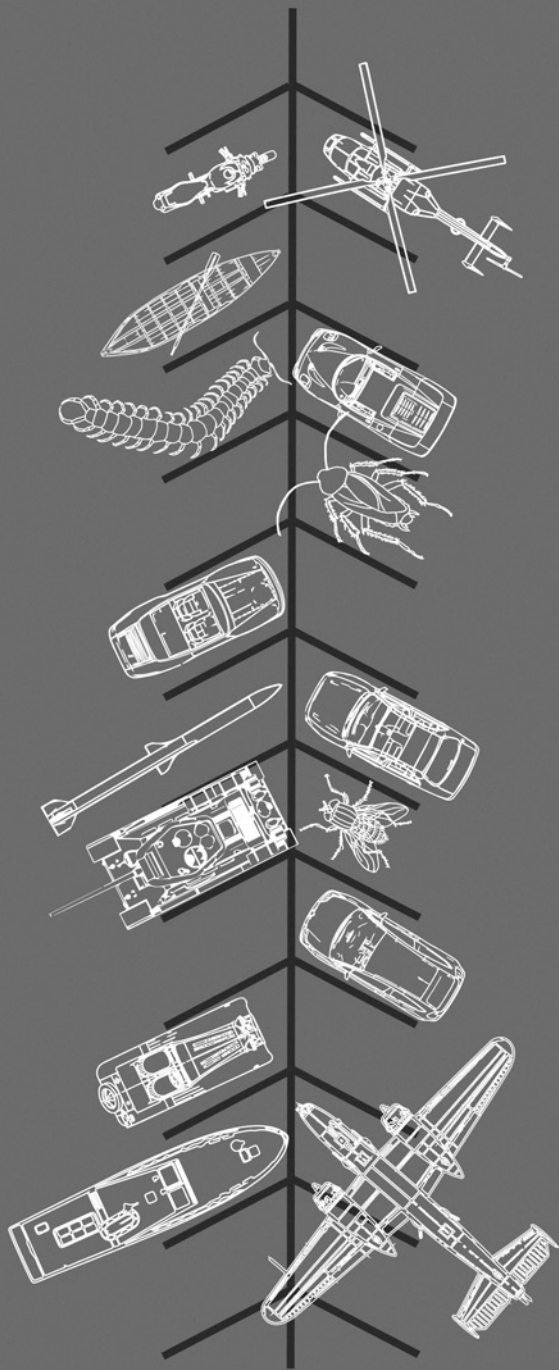
Gilberto Prado
Monica Tavares
Priscila Arantes
[org.]

DÍALOGOSTRANSDISCIPLINARES:ARTEEPESQUISA

São Paulo

Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais
Escola de Comunicações e Artes - Universidade de São Paulo

2016



Christine Mello

**EXTREMIDADES:
LEITURAS ENTRE
ARTE, COMUNICAÇÃO
E EXPERIÊNCIA
CONTEMPORÂNEA**

Extremidades traz dimensões sobre limites, fronteiras, crises e atravessamentos. Há motivos vitais para se pensar sob sua perspectiva, principalmente quando associamos tais dimensões a problemas concretos, ligados diretamente à vida cotidiana.

É possível traçar a noção de extremidades não apenas no plano micropolítico - relacionado às políticas do sujeito e do cotidiano, como nos faz pensar Michel Foucault (1979) - mas também no plano da grande política, da economia, do meio ambiente e da sociedade como um todo.

Com tal perspectiva, vivenciamos nas primeiras décadas do século 21 conflitos urbanos, guerras civis, terrorismo, intervenções militares, crises migratórias e de refugiados, chacinas, corrupção, crises políticas e econômicas, discriminação racial e sexual, desigualdades sociais e tragédias ambientais.

O signo das extremidades se faz hoje presente no cotidiano concreto, não podendo ser considerado, portanto, um estado de exceção.

Trata-se de perceber problemas contínuos da ordem pública relacionados a situações limítrofes. Conforme reflete o historiador Eric Hobsbawm (2014), tais problemas colocam em xeque a democracia e trazem novamente uma era de decomposição e incerteza.

Por outro lado, entre os campos da crítica de arte e da comunicação, fala-se cada vez mais da experiência contemporânea que tem lugar nas fronteiras e atravessamentos entre espaços sociais e linguagens midiáticas.

Observamos tal experiência, por exemplo, nas redes sociais, nas dobras entre vida pública e privada, entre espaços físicos e virtuais - os chamados espaços intersticiais - nos trânsitos entre fotografia, audiovisual (cinema, televisão, vídeo e linguagens digitais), internet, dispositivos móveis, arquivos, bancos de dados, aplicativos, software e ações performativas. Trata-se de observar o campo da percepção e sensorialidades em incessante contaminação e transformação.

Na passagem para os anos 2000, desenvolvi uma leitura das extremidades com o objetivo de promover reflexões entre o campo das artes visuais e do vídeo. Hoje, diante da experiência contemporânea, busco redimensioná-la, procurando ampliar sua ação na área crítica.

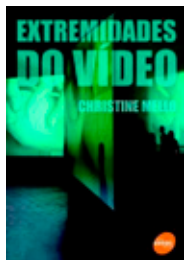


Fig.1. Capa do livro
Extremidades do Vídeo,
de Christine Mello
(São Paulo: Editora
Senac São Paulo, 2008)

Traço, com isso, algumas inquietações que apontam para: “num momento agudo de crise entre condições de vida, forma estética e experiência social como articular hoje em dia a leitura das extremidades?”

Busco refletir, desse modo, sob que aspectos a leitura das extremidades pode contribuir na formulação de análises que apontam para “o lugar das diferenças” não “como um dispositivo disciplinar”, mas como um “processo de mediação”¹.

Leituras descentralizadas

Desde os anos 1990, com o acesso cotidiano à produção audiovisual, às linguagens digitais e redes móveis, sabemos que tais práticas colocam em xeque a especificidade dos meios e linguagens assim como promovem um campo aberto de possibilidades e interações entre diferentes ambientes culturais, circuitos midiáticos e ações artísticas.

Decorre desse período, constituído na passagem para os anos 2000, a pesquisa *Extremidades do vídeo*². Com orientação de Arlindo Machado, teve como princípio mapear e analisar a produção experimental com o vídeo no Brasil³. Seu principal objetivo foi colaborar com uma abordagem histórica e estética sobre as inter-relações

1. Falamos na perspectiva de Christine Greiner em “O tempo da arte, o tempo da pesquisa e suas ações políticas”, publicada em *Arte: história, crítica e curadoria*. Elaine Caramella, Priscila Arantes e Sonia Régis (orgs.). São Paulo: EDUC, 2014, p. 161.

2. Desenvolvida sob a forma de tese de doutorado, entre 1999 e 2004, na PUC-SP, com orientação de Arlindo Machado, foi publicada em 2008 pela Editora Senac São Paulo.

3. O período de abrangência da produção analisada, em grande parte, vai até o ano de 2004.

promovidas com o vídeo no campo da arte contemporânea. Nela, foi desenvolvido um processo de mediação crítica denominado leitura das extremidades.

A *leitura das extremidades* foi traçada na direção de uma cartografia disforme, observando práticas e contextos do vídeo regidos pelo pluralismo, de forma a não se apresentarem como um campo específico de manifestações comunicacionais e artísticas.

Integraram a pesquisa artistas como Anna Bella Geiger, Antonio Dias, Arnaldo Antunes, Arthur Omar, Cao Guimarães, Carlos Nader, Dora Longo Bahia, Eder Santos, Eduardo Kac, Flávio de Carvalho, Gilberto Prado, Gisela Motta e Leandro Lima, Giselle Beiguelman, Helio Oiticica, José Roberto Aguilar, Julio Plaza, Kiko Goifman, Leticia Parente, Lia Chaia, Lucas Bambozzi, Luiz duVa, Marcelo Tas, Mauricio Dias & Walter Riedweg, Otávio Donasci, Paula Garcia, Paulo Bruscky, Rafael França, Regina Silveira, Rejane Cantoni, Rosangela Rennó, Sandra Kogut, Sonia Andrade, Tadeu Jungle, VJ Spetto e Wesley Duke Lee. Integraram também grupos como BijaRi, Corpos Informáticos, Olhar Eletrônico, SCIArts e TVDO.

Como força que atravessa, a noção de extremidades foi importante para tirar o foco do “específico” e do centro da linguagem videográfica, problematizando nas leituras dos artistas e obras aspectos poéticos que tinham existência nos diversos trânsitos entre comunicação e arte. Nesse sentido, possibilitou refletir sobre procedimentos criativos baseados em processos de hibridização, que propiciavam a interconexão entre múltiplos espaços e diferentes linguagens.

A leitura das extremidades deu visibilidade a operações criativas descentralizadas ao eleger os procedimentos da desconstrução, contaminação e compartilhamento como campos de tensão por onde imantava boa parte da produção artística⁴ na passagem para o século 21. O mapeamento e a análise da produção artística foi possível, assim, ao considerá-la em seus aspectos heteróclitos, desviantes. Objetivou, desse modo, analisar “um conjunto multidimensional de realidades radicalmente descontínuas”⁵.

4. Conforme Arlindo Machado, na apresentação do livro *Extremidades do vídeo* (Mello, 2008).

5. Falamos na perspectiva apontada por Nelson Brissac Peixoto em “Arte móvel / arte aérea”, publicado em *Nomadismos tecnológicos*. Giselle Beiguelman, Jorge La Ferla (orgs.). São Paulo: Editora Senac, 2011, p. 161.

O exercício que agora procuro é o de redimensionar a leitura das extremidades não necessariamente a associando ao mapeamento e análise da produção artística com o vídeo no Brasil. Pretendo ampliar o campo de ação da leitura em relação às condições de vida, forma estética e experiência social, propiciando, com isso, maior generalidade, que possibilite sua expansão na área crítica.

No presente estudo, busco promover um breve reexame da leitura das extremidades, mostrar possíveis passagens dos anos 1990 à atualidade, assim como gerar abertura para novos diálogos.

Sobre as extremidades

A ideia de extremidades é embasada enquanto “caminho de leitura”, em direção à articulação entre campos não oponentes, mas complementares. É utilizada como atitude de olhar para as bordas, observar as zonas-limite, as pontas extremas, interconectadas em variadas práticas.

Diz respeito a um termo metafórico derivado da medicina oriental e de seus métodos terapêuticos, como a acupuntura, a reflexologia e o Do-In. Esses campos da medicina alternativa trabalham com a capacidade que os pontos cutâneos extremos do corpo (como orelha, mão e pé) possuem de, ao serem ativados, realizarem processos de natureza comunicacional, interligando múltiplos órgãos (como coração, fígado e intestino) e produzindo, com isso, contato ampliado sobre eles.

Na perspectiva oriental, as extremidades do corpo possuem, portanto, a habilidade de nos fazer apreender simultaneamente os órgãos do corpo de forma descentralizada e interligada. Acionam, portanto, uma rede de relações na análise de diversos elementos de um mesmo organismo.

Associo o pensamento das extremidades aos procedimentos poéticos da desconstrução, contaminação e compartilhamento, como pontas extremas de um organismo interligado. Para tanto, chamo atenção da potencialidade que tais procedimentos possuem de nos colocarem em contato com experiências artístico-comunicacionais, que acontecem entre situações limítrofes, fronteiriças, experimentais.

Os procedimentos desconstrutivos giram em torno da desmontagem de um significado para se obter outro. Evocam, em um primeiro momento, a negação de um estado e, em um segundo momento, a reversão, ressignificação e expansão de seus limites criativos. A corrente desconstrutiva pretende que a apreensão da realidade se dê pela experiência sensória, sendo o processo de descoberta nela dimensionado como campo de testagem e experimentalismo.

A contaminação é um tipo de procedimento poético em que uma relação de troca se potencializa a partir de seus contágios. As operações criativas geralmente partem de uma problemática advinda de um determinado contexto e se associam a outra área. Nela, os significados não se dispersam, nem se diluem, mas, ao contrário, possuem o poder de afetar e contaminar irreversivelmente as áreas em diálogo.

Entre os procedimentos das extremidades, o compartilhamento é a ponta mais extrema e descentralizada. Ocorre onde há a transmutação, a partilha, de um formato em outro. O compartilhamento, como agenciador de uma proliferação de significados, diz respeito tanto às transformações criativas nos ambientes colaborativos das redes sociais como aos modos de circulação da imagem, som e escrita nos arquivos digitais e banco de dados.

Articulada pelos procedimentos da desconstrução, contaminação e compartilhamento, a leitura das extremidades busca contribuir, portanto, para a análise de fenômenos em constante transformação, trazendo, com isso, dimensões plurais da experiência contemporânea.

A complexidade da leitura pode ser alcançada, desse modo, a partir das dobras entre grandes e pequenos campos, entre procedimentos poéticos que inter-relacionam diversas práticas. Verificam-se, assim, uma rede de relações entre espaços sociais, circuitos e linguagens, assim como potencialidades artísticas ampliadas nessas relações.

Pensar os trânsitos e diálogos entre diferentes espaços, circuitos e linguagens, em seus procedimentos interconectados, eis o modo como se revela a presente leitura das extremidades. Passarei em revista, na sequência, expoentes do pensamento das extremidades como Eric Hobsbawm e Massimo Canevacci.

Passagens para o século 21

O historiador inglês Eric Hobsbawm analisa retrospectivamente o século 20 como a *Era dos extremos*, um período de difícil compreensão. Os extremos do século são observados numa perspectiva histórica macropolítica que vai da eclosão da Primeira Guerra Mundial ao colapso da URSS, fechando o ciclo após a Guerra do Golfo. Trata-se, para ele, de um período confrontado por duas grandes eras, a da catástrofe (de 1914 a 1948) e a de ouro (de 1949 a 1973), cuja última parte do ciclo retoma o início por conta dos conflitos nos Balcãs, em especial as Guerras da Bósnia e de Kosovo, nos anos 1990.

Para Hobsbawm, um dos campos de força para compreendermos um mundo qualitativamente diferente no século 20 diz respeito não apenas ao deslocamento do centro do poder mundial-ocidental com a quebra do europeísmo e a ascensão norte-americana, mas também às tensões provocadas pelo poder da mídia e pela globalização incontrolável da economia capitalista. Nas questões relacionadas às artes, o historiador aponta rupturas de fronteiras entre o que é e o que não é classificável como arte (principalmente provocadas pela pop arte), assim como mudanças de percepção promovidas pelos espaços comunicacionais.



Fig. 2. Capas dos livros Era dos extremos, de Eric Hobsbawm (São Paulo: Companhia das letras, 1995) e Culturas eXtremas, de Massimo Canevacci (Rio de Janeiro: DP&A, 2005)

Em sua leitura das extremidades, a crise histórica do século 20 aponta a necessidade de reconfigurações e mudanças políticas para o século 21 na medida em que as forças geradas pela economia tecnocientífica são agora suficientemente grandes para destruir o meio ambiente, ou seja, as fundações materiais da vida humana.

Sobre o agravamento da era dos extremos no prelúdio do século 21, Hobsbawm o problematiza sob o ponto de vista do colapso financeiro globalizado deflagrado a partir de 2008-2009, do terrorismo e dos refugiados como problemas concretos ligados diretamente à vida cotidiana.

Ele observa que recentemente as guerras entre países e grandes potências desapareceram. Tal fenômeno mostra o fim do sistema clássico de poder internacional. A partir disso, há uma situação endêmica de conflitos armados, guerras civis, terrorismo e desigualdades sociais.

Para o historiador, outros elementos que afetam a ordem pública no início do século 21 são a “aceleração extraordinária do processo de globalização e seu efeito sobre o movimento e a mobilidade dos seres humanos, que afeta tanto os movimentos transfronteiriços temporários quanto os duradouros”⁶, assim como a xenofobia. Para ele, os nomadismos atuais reforçam a “longa tradição popular de hostilidade econômica à imigração em massa e de resistência ao que se vê como ameaças à identidade cultural coletiva”⁷.

No caso do antropólogo Massimo Canevacci, ele traz de outro modo a leitura das extremidades. Para tanto, na passagem para o século 21, observa manifestações micropolíticas associadas às linguagens da comunicação juvenil nos corpos das metrópoles (como punk, pirataria, *rave*, *piercing*, *techno*, tatuagem, fanzine, videoarte, cibernauta, entre outras, que expressam conflitos e inovações entre os fluxos da comunicação móvel). Canevacci denomina como “culturas eXtremas” (2005) as zonas limítrofes, os espaços vazios e os atravessamentos gerados pelas manifestações das extremidades. Trata-se de abordar, em sua visão, minorias não minoritárias.

6. Falamos na perspectiva apontada por Eric Hobsbawm em *Globalização, democracia e terrorismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 89.

7. Idem. p. 91.

Canevacci mostra com as culturas eXtremas de que modo se dá a transformação da noção de “extremo” em “eXtremo”. Segundo ele, tal tipo de estratégia diz respeito a utilizar conceitos oblíquos às metodologias tradicionais de classificação extraídas do social.

Ao observar que nos anos 1990 a letra X emerge tanto como signo de “contra” e de “proibido”⁸ quanto se conjuga ao excesso, ao irregular, ao alheio e ao pornô, sendo que “muitas formas de comunicação juvenil de oposição assumem o X como código (lema) que explode os limites e fica contra os limites”⁹, o antropólogo aponta formas como a oposição juvenil passou do conflito político-social, próprio dos anos 1960-1980, para os “conflitos não políticos, comunicacionais, metropolitanos, conferidos ao X, que incorpora atravessamentos corporais, espaciais, linguísticos caracterizados pelo irregular, pelo incontível, pelo imaterial, pelo extra como além e como anomalia”¹⁰.

Em sua leitura das extremidades, Canevacci observa processos de subjetivação associados à cultura urbana como uma zona em trânsito, por meio de manifestações e linguagens intersticiais – fora da regra, *in between* – que até podem tocar o poder sem, contudo, buscar a centralidade. Para tanto, ele afirma que a noção de “eXtremo” traz menos a oposição ou a contradição dialético-historicista, e mais a noção de diferença, nomadismo e deslocamento. Como os conceitos fluidos, remete a um pensamento de Marguerite Duras para afirmar que as *culturas eXtremas* buscam a *virada da linguagem*.

Se para Eric Hobsbawm o pensamento das extremidades traz o signo do poder e da dicotomia existente entre uma era da catástrofe e uma era de ouro, para Massimo Canevacci o pensamento das extremidades traz a potência da recusa das políticas tradicionais. Para o antropólogo, trata-se de observar pelas extremidades a multiplicação dos espaços – ou interzonas – contra a fixidez dos lugares.

O que o historiador Eric Hobsbawm analisa como pertinente à era dos extremos, em seu caráter macropolítico e de periodicidade, é exatamente o que o antropólogo

8. Canevacci demonstra isso a partir de exemplos como *Generation X*, *extasy*, *X-file* e *X-treme*, *XL* como “extra large”, assim como do título do livro *S, M, L, XL* de Rem Koolhaas, em *Culturas eXtremas: mutações juvenis nos corpos das metrópoles*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p. 42-47.

9. Na perspectiva apontada por Massimo Canevacci em *Culturas eXtremas: mutações juvenis nos corpos das metrópoles*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p. 42-47.

10. Idem.

Massimo Canevacci contrapõe ao observar a cidade e suas multinarrativas, que brincam contra o poder totalizante e reunificador da história. Nesse sentido, o antropólogo coloca nossa atenção diante de uma perspectiva micropolítica, relacionada às “percepções simultâneas” que se misturam constantemente no caldeirão da cidade, de forma não linear.

Se o primeiro pertence à tradição crítico-dialética, o segundo se opõe a essa tradição pelo elemento da *diferença*, encontrado na filosofia de Nietzsche como pluralismo conceitual e devir múltiplo.

Embora a princípio seus pontos de vista pareçam díspares, tanto em um como em outro o exame das transformações da experiência contemporânea, sob o signo das extremidades, remete a situações limítrofes que ressignificam condições de vida e visibilidade.

Forças que atravessam, forças que fazem ficar junto

Transitando ora pelo signo de poder, ora pelo signo de potência, ao observar leituras das extremidades tanto pela perspectiva de Eric Hobsbawm como de Massimo Canevacci é possível compreender que o colapso dos planos político, econômico e social do início do século 21 coloca em xeque tanto os discursos centrais, sugerindo crises de representação, como gera crises periódicas capazes de transformar problemas culturais, artísticos e de linguagem.

Como indica Nelson Brissac Peixoto, “as novas dimensões do mundo globalizado exigem uma nova cartografia: das dinâmicas, dos fluxos, das reconfigurações permanentes e variáveis”¹¹.

Nesse sentido, a multiplicidade dos espaços – ou interzonas –, como aponta Massimo Canevacci, é possível de ser observada na atualidade em linguagens intersticiais como as promovidas pelas plataformas transmídia, que globalmente interconectam antigas mídias às redes sociais, aos *smartphones*, aplicativos e software de toda ordem. Essas plataformas entrecruzadas de comunicação permitem hoje em dia, por exemplo,

11. Nelson Brissac Peixoto em “Arte móvel / arte aérea”, publicado em *Nomadismos tecnológicos*. Giselle Beiguelman, Jorge La Ferla (orgs.). São Paulo: Editora Senac, 2011, p. 162.

que imigrantes ilegais e refugiados políticos interajam com agências internacionais de notícias, em vez de apenas receberem passivamente a informação. Permitem também que uma página popular do Facebook na Síria relate a contagem em tempo real de disparos de morteiros contra Damasco e mapeie suas localizações, fazendo com que os usuários evitem certas áreas¹².

Isso equivale dizer a agenciamentos concretos que se constroem nas extremidades, nas linhas fronteiriças entre organização vital e múltiplas linguagens, entre condições de vida, forma estética e experiência social.

Em São Paulo, observamos tais tipos de agenciamentos em exposições como *Megafone.net*¹³, uma retrospectiva do artista catalão Antoni Abad, com trabalhos realizados entre 2004 e 2014. Nela, o artista mostrou o projeto em que representantes de grupos sociais marginalizados compartilham suas experiências e opiniões por meio de mensagens de áudio, vídeo, textos, fotos associados às redes sociais. A mostra reuniu o material de diferentes edições da iniciativa, que aconteceram em cidades como Barcelona (Espanha), San José (Costa Rica), Tindouf (Argélia), León (Espanha), Madrid (Espanha), Cidade do México (México) e São Paulo (Brasil).

Para tanto, Antoni Abad articulou práticas comunicacionais e artísticas com cada uma das comunidades locais (pessoas com mobilidade limitada, imigrantes ilegais, refugiados políticos, comunidades deslocadas, profissionais do sexo e setores profissionais, como taxistas e motoboys) a partir da criação de uma rede social gerada por meio de múltiplas plataformas de comunicação (que interligam, por exemplo, captação de áudio, vídeo e foto com smartphone e página na web).

Como espaços comunicacionais que tencionam contextos urbanos, é possível observar que o projeto *Megafone.net* tem como princípio a exploração dos atravessamentos entre espaços, circuitos e linguagens, neles provocando tensões e inusitados processos de hibridização. Em *Megafone.net* Antoni Abad dá visibilidade a conflitos existentes cotidianamente entre comunidades locais, grandes centros urbanos e redes globais de comunicação.

12. Falamos na perspectiva apontada por Matthew Brunwasser em "Para migrantes, celulares funcionam como salva-vidas", publicado em *Folha de S.Paulo*. São Paulo, 5 de setembro, 2015, p. 3.

13. Falamos da exposição realizada na Pinacoteca do Estado entre 01 de agosto e 18 de outubro de 2015, integrante do "Projeto Octógono – Arte Contemporânea".



Fig. 3. Imigrantes checam seus celulares após desembarcarem na ilha grega de Kos. Fotografia de Angelos Tzortzinis/AFP, publicada na Folha de São Paulo, em 13 de agosto de 2015. B8.

Na cidade de São Paulo, em especial, as narrativas transmídia de *Megafone.net* propiciam pluralidade e nomadismo por meio do Canal motoboy www.zexe.net. Trata-se de um dispositivo móvel de publicação colaborativa na web, em que motoboys percorrem espaços públicos e privados e transmitem conteúdo via celular. Por meio das multiplataformas comunicacionais, inter-relacionam audiovisual, novas mídias e redes. No Canal motoboy, há a compreensão de um sistema colaborativo relacionado à pluralidade de espaços, circuitos e linguagens, que produzem uma narrativa experimental mais imersa no plano da experiência social.

Mapas virtuais, aplicativos de GPS e redes sociais transformam hoje tanto as “percepções simultâneas” dos nômades urbanos como as movimentações de migrantes e refugiados, intensificando novas rotas e fronteiras profundamente associadas a formas contemporâneas de vida, aos trânsitos e aos conflitos existentes entre linguagens.

Diante da sociedade de controle, novos modelos de comunicação estão em curso “no que diz respeito aos deslocamentos e acessos”¹⁴. A era dos espaços híbridos (que interconectam espaços físicos e virtuais) transforma não só os modos de acesso como também amplia os modos de operação dos sistemas

14. Falamos na perspectiva apontada por Rogério da Costa em “A sociedade de controle”, publicado em *São Paulo em Perspectiva*. São Paulo, v. 18, n.1, 2004, p. 161-167.

comunicacionais pervasivos¹⁵. Promove rastreamento dos indivíduos. Gera por um lado conflitos de poder, e por outro zonas em trânsito, por meio de manifestações e linguagens intersticiais, como aponta Canevacci.

O transpasse contínuo, por exemplo, de fronteiras por meio de rotas perigosas entre Brasil, México e Estados Unidos, Colômbia e Venezuela, Afeganistão e Irã dizem respeito a exemplos de ações extremas promovidas por minorias não minoritárias, como aponta Massimo Canevacci, que trazem a potência da recusa das políticas tradicionais da comunicação tecnológica e da arte contemporânea.

Sob a forma da comunicação tecnológica e seus dispositivos, é possível observar brechas no sistema de controle das redes por meio da experiência social e da criação de novos espaços-tempos, como zonas de trânsito e deslocamento.

Nesse contexto, o impróprio, o não específico e o descentralizado de cada espaço, circuito e linguagem são a regra. São como experiências de entre-lugares. Trata-se de observar ações limítrofes, extremas, entre procedimentos desconstruídos, contaminados e compartilhados.

Tais ações suspendem o modelo comunicacional hegemônico dos dispositivos em rede, produzindo, com isso, inversão, descontinuidade e acontecimento. Impedem narrar a história da mesma maneira. Instauram, assim, um campo de força constituído por processos de diferença e alteridade.

Sabemos que o poder determina condições de visibilidade. Sendo assim, as intervenções artísticas provocadas nos regimes de interação das multiplataformas comunicacionais de projetos como *Megafone.net* são capazes de restituir breves fendas nas formas de visibilidade. A crise de representação abre espaço, portanto, ao redimensionamento da experiência estética; reflete outros modos de produção e pensamento.

Segundo tal raciocínio, ao analisarmos hoje os procedimentos poéticos das extremidades é necessário antes nos confrontarmos com reconfigurações e mudanças nas políticas de leitura.

15. Significa aquilo que se infiltra em um sistema, que penetra de forma indesejada, que acomete um sistema ou grupo.

Entre signos de poder e potência, a leitura das extremidades é aqui apresentada como ponto de partida para pensarmos processos regidos pela diversidade. Tem interesse na atualidade, portanto, a partir das dobras entre micro e macrocampos, entre procedimentos poéticos que inter-relacionam práticas sociais e artísticas. Verificam-se, assim, novos processos de descentralização dos circuitos e linguagens midiáticas e as potencialidades criativas ampliadas com essas relações. Segundo esse ponto de vista, não é a produção artística o objeto privilegiado da análise, mas o perfil de suas práticas e contextos, bem como as inter-relações entre forma estética e experiência social.

O enfrentamento de uma crise leva a caminhos alternativos, à experimentação. Proponho, portanto, uma fenda, ou deslocamento na leitura das extremidades no sentido de oferecer outros modos de observar a experiência contemporânea, em suas tensões e ambivalências. Desse modo, reexaminá-la significa abri-la a uma maior diversidade.

Sob a forma de *virada da leitura*, procuro, assim, encontrar outros modos de relacionar as leituras das extremidades. Mas isso implica material para mais reflexões, assim como próximos atravessamentos.

Referências

- BRUNWASSER, M. Para migrantes, celulares funcionam como salva-vidas. In: *The New York Times International Weekly*: Folha de S. Paulo, 5 de setembro de 2015, p. 3.
- CANEVACCI, M. *Culturas eXtremas*: mutações juvenis nos corpos das metrópoles. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- COSTA, R.. *A sociedade de controle*. São Paulo em Perspectiva, São Paulo, v. 18, n.1, p. 161-167, 2004.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- GREINER, C. O tempo da arte, o tempo da pesquisa e suas ações políticas. In: *Arte: história, crítica e curadoria*. ARANTES, P.; CARAMELLA, E.; RÉGIS, S. (orgs.). São Paulo: EDUC, 2014, p. 158.
- HOBBSAWM, E. *Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- _____. *Como mudar o mundo: Marx e marxismo, 1840-2011*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- _____. *Globalização, democracia e terrorismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- MARCONDES FILHO, C. *O princípio da razão durante: comunicação para os antigos, a fenomenologia e o bergsonismo: nova teoria da comunicação III / tomo I /* Ciro Marcondes Filho. São Paulo: Paulus, 2010.
- MELLO, C. *Extremidades do vídeo*. São Paulo: Editora Senac, 2008.
- PEIXOTO, N. B. Arte móvel / arte aérea. In: *Nomadismos Tecnológicos*. BEIGUELMAN, G.; LA FERLA, J. (orgs.). São Paulo: Editora Senac, 2011, p. 151-166.

(2001). É Professora do Departamento de Artes Visuais/DAV (1993 -), Centro de Artes e Letras/CAL/UFMS, onde atua no Programa de Pós-graduação em Artes Visuais/PPGART. Foi coordenadora do PPGART/Mestrado em Artes Visuais desde sua implementação (2007-2011). Desenvolve pesquisa na área de Artes Visuais, em História e Teoria da Arte Contemporânea, com ênfase em Arte e Tecnologia Digital. Coordena o Laboratório de Pesquisa em Arte Contemporânea, Tecnologia e Mídias Digitais/LABART e lidera o grupo de pesquisa Arte e Tecnologia/UFMS - CNPq. É consultora da CAPES para área de Arte/Música. É avaliadora Institucional e para área de Artes no INEP/MEC. É membro do Comitê Brasileiro de História da Arte/CBHA e da Associação Nacional dos Pesquisadores em Artes Plásticas/ANPAP, na qual é presidente para o biênio 2015-2016. Integrou o GT Arte Digital do Ministério da Cultura/MINC (2009-2011), Delegada nata do Colegiado Setorial de Arte Digital.

Olira Saraiva Rodrigues

Possui Graduação em Letras - Habilitação em Português e Inglês pela Universidade Estadual de Goiás/UEG (1996). Especialização em Literatura Brasileira pela Universidade Salgado de Oliveira (2001); Especialização em Língua Portuguesa pela Universidade Salgado de Oliveira (2002) e Mestrado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás/PUC-Goiás (2009), com ênfase em Linguagem e Novas Tecnologias. Atualmente, doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual da Universidade Federal de Goiás/UFG, membro do corpo pesquisador do MediaLab/UFG do Núcleo de Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação em Mídias Interativas e bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás – FAPEG.

Patrícia Moran

Professora e pesquisadora da ECA/USP. Coordenadora da linha de pesquisa Poética e Técnicas. Diretora do CINUSP Paulo Emílio, onde coordena a Coleção CINUSP que tem lançado duas publicações por ano. Integra o Laboratório de Análise e Crítica Audiovisual (LAICA) da ECA/USP. Diretora de diversos curtas narrativos, não-narrativos, de documentários e de vídeos. Recebeu diversos prêmios no Brasil e no exterior. Em 2013 venceu o PROAC de São Paulo para o desenvolvimento do roteiro e projeto do filme de longa metragem Vendaval. Pesquisa projeções audiovisuais ao vivo, em galerias ou festas noturnas, ou seja, do que vem sendo chamado de Cinema de Museu. Pesquisa atual se denomina: Materialidades e repetição como estratégia expressiva em Performances Audiovisuais em Tempo Real

Rita Varlesi

Doutoranda da Pós-graduação – EAHC – Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Silvia Laurentiz

Artista e Pesquisadora, Bacharel em Comunicação Visual pela Faculdade de Artes Plásticas da Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP), São Paulo. Possui Mestrado em Multimeios pelo Instituto de Artes - DMM - da Universidade de Campinas (UNICAMP); e Doutorado pelo programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). É livre-docente pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, quando em 2011 defendeu a tese "Percorrendo Escrituras". Professora Associada do Departamento de Artes Plásticas da Escola de Comunicações e Artes da USP (CAP-ECA-USP). Leciona desde 2002 no Bacharelado de Artes Visuais do Departamento de Artes Plásticas da ECA-USP e no Programa de Pós-graduação em Artes Visuais, na linha de Poéticas Visuais, da mesma Unidade USP. Em março de 2010 criou o Grupo de Pesquisa Realidades - Da realidade tangível à realidade ontológica <<http://www.eca.usp.br/realidades>>, sediado no CAP-ECA-USP e credenciado no CNPq.

Simone Osthoff

Professora em Arte Estudos Críticos na School of Visual Arts na Pennsylvania State University. Artista e estudiosa brasileira possui Ph.D. pela European Graduate School. Sua pesquisa sobre arte contemporânea, teoria e crítica se concentra em práticas artísticas experimentais e histórias pós-coloniais. Apresentadora frequente em simpósios internacionais, ela também faz parte do conselho editorial da revista Estudos Flusser. Osthoff possui muitos capítulos de livros, ensaios e comentários publicados internacionalmente e traduzidos para meia dúzia de idiomas. Ela é a autora do livro *Performing the Archive: The Transformation of the Archive in Contemporary Art from Repository of Documents to Art Medium*.

Sonia Guggisberg

Suíço-brasileira, Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP – Bolsa Fapesp), atua como artista, *videomaker* e pesquisadora, participando de mostras coletivas e individuais, palestras e *workshops* no Brasil e em outros países, desde a década de 1990.

[LIVRO]

**DIÁLOGOS
TRANSDISCIPLINARES:
ARTE E PESQUISA**

ORGANIZAÇÃO

Gilberto Prado · ECA/USP

Monica Tavares · ECA/USP

Priscila Arantes · Paço das Artes

CAPA

Imagem: Regina Silveira

Phantasmata. 2015

PROJETO GRÁFICO E DIGRAMAÇÃO

Yukie Hori

Marcelo Berg

ORGANIZAÇÃO DE MATERIAL

Priscila Guerra

APOIO

CAPES

FAPESP

Poéticas Digitais

Arte Design Mídias Digitais

NANO - Núcleo de Arte e Novos Organismos

REALIZAÇÃO



PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO
EM ARTES VISUAIS
ECA - UFPA



APOIO



